

## ATUAÇÃO DA POESIA MARGINAL COMO INSTRUMENTO EDUCATIVO NÃO FORMAL NA CIDADE DE FORTALEZA/CE

Aglailton da Silva Bezerra<sup>1</sup>  
Ana Clara de Castro Lopes<sup>2</sup>  
Evelane Mendonça Lima<sup>3</sup>  
Rosemary de Oliveira Almeida<sup>4</sup>

### RESUMO

A educação não formal é vista como instrumento de amadurecimento societário ao estabelecer conexão entre práticas pedagógicas não tradicionais e as realidades sociais diversificadas. Analisar a importância da educação não formal requer atribuir à existência de práticas educativas que não estejam atreladas apenas a educação formal/ tradicional presente nas escolas. Assim, o objetivo desse trabalho é relacionar a referida prática educativa com a atuação dos poetas e poetisas marginais na cidade de Fortaleza/CE, os quais utilizam de suas leituras de realidades para produzir poesias que denunciam e relatam suas histórias de vida, sobretudo, e atrelam-se a uma condição de subsistência. No tocante esse público, evidencia-se o predomínio de juventudes periféricas nas quais suas sociabilidades estão atravessadas por correlações de forças e essas correlações estão presentes em suas produções. Assim, a poesia marginal está atrelada a um contexto de subalternidade diante de um sistema em hegemonia, o capitalismo, e pode ser entendida como um ato educativo não formal ao atrelar os conhecimentos oriundos de suas vivências através de suas leituras de mundo.

**Palavras-chave:** Educação Não Formal, Poesia Marginal, Cidade, Juventudes.

### INTRODUÇÃO

A presente reflexão científica se justifica pela necessidade de compreensão da educação não formal, tendo como ponto de partida seu aspecto diferenciador da educação formal, dita tradicional e regular. Sendo assim, observa-se que ambas as práticas de educação manifestam um ponto em comum, no qual seria a socialização do conjunto de práticas educativas que possibilitem um amadurecimento crítico e reflexivo da sociedade.

Nesse sentido, torna-se necessário articular os saberes desenvolvidos ao longo do processo histórico e realizar uma reflexão sobre a educação que emerge em espaços não institucionalizados, fora da escola. Assim, a educação não formal ganha centralidade nesse

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará – UECE, integrante do Laboratório Laprácticas, aglailtonsb@gmail.com;

<sup>2</sup> Graduanda pelo curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Ceará – UECE; ana73026@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda pelo curso de Ciências Sociais Licenciatura da Universidade Estadual do Ceará – UECE; evelane.mendonca1@gmail.com.

<sup>4</sup> Professora orientadora: Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Coordenadora e professora do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará - UECE e da Pós-Graduação em Sociologia da UECE, rosemary.almeida@uece.br.

debate ao permear as realidades sociais dos diversos nichos e desenvolver habilidades de intervenção diante de suas análises conjunturais. As relações sociais entre os sujeitos que compõem a sociedade, por sua vez, podem ser visualizadas dentro dessa gama de interação entre sociedade e educação, no qual o convívio social estará expresso em sua manifestação. Nesse sentido, as práticas educativas serão reflexos da realidade concreta dos indivíduos diante dessa interação mencionada (manifestação da educação).

A educação não formal, presente na articulação dos saberes popular e que encontra campo fértil de manifestação os movimentos sociais ou mobilizações comunitárias em prol de reconhecimento identitários e de direitos, se manifesta, como já mencionado, em espaços não escolares e se direciona a compreensão das estruturas que impulsionam à realidade social em vigência, sobretudo, submissa a hegemonia do sistema capitalista que apresenta como horizonte a desigualdade social por meio da exploração do trabalho e dominação de uma camada populacional em detrimento da outra. Desse modo, a poesia marginal desenvolvida nas periferias de Fortaleza se manifesta como essa tentativa de promoção de uma prática educativa na qual seria a não formal ao trabalhar temas e conceitos peculiares de suas vidas.

É importante ressaltar que a poesia assume essa característica marginal como estratégia política de questionar o que de fato é ser marginal e pensar criticamente quem são os sujeitos que estão na condição de marginalizados. Assim, a poesia marginal reflete a condição pauperizada que as juventudes se encontram e remetem outro olhar sobre suas ações e ressignificam o termo, bem como ressignifica os espaços ocupados, tais como praças públicas e ônibus coletivos urbanos.

Assim, a cidade será palco e expressão dessas correlações de forças manifestadas pelo capitalismo, nas quais possibilitarão estratégias de resistência e questionamento desse *status quo*. Nesse campo de manifestação das lutas de classes (cidade) a educação não formal emerge como resposta conjuntural permeada por uma articulação entre saberes populares e as realidades concretas dos sujeitos que se configuram como uma leitura de mundo singular.

As juventudes estão presentes nesse cenário e buscam estratégias que possibilitem que suas vozes sejam alcançadas como forma de repúdio e denúncia. Assim, é comum a existência de poetas e poetisas marginais nos territórios de Fortaleza, no Estado do Ceará. Esses sujeitos, em sua grande maioria jovens, acumulam suas experiências e reflexões societárias através da poesia, seja ela recitada em saraus organizados pelos mesmos ou dentro dos ônibus, no qual também se manifesta.

No que concerne a isto, torna-se necessário relacionar a poesia marginal como instrumento de leitura da realidade social desses sujeitos que impulsionam perceber essa prática não apenas como um instrumento de subsistência e sim como um ato educativo de abrangência não formal ao traduzir didaticamente fenômenos sociais estabelecidos pela conjuntura antagônica.

## **METODOLOGIA**

No tocante ao procedimento metodológico, a pesquisa em destaque e ainda em andamento alinha-se numa abordagem qualitativa com a tentativa de perceber o fenômeno social em destaque e problematizar o mesmo à luz das ciências humanas, sobretudo sociologia.

Os interlocutores desta produção são jovens que produzem poesias nos seus territórios e são consideradas marginais. O caráter marginal se dá, sobretudo, pelo fato de relacionar suas produções aos contextos periféricos de onde os mesmos estão inseridos. O contato estabelecido se deu através dos eventos produzidos pelos grupos, chamados saraus, nos quais acontecem de forma sistematizada e publicizada por suas organizações, geralmente grupos ou coletivos de juventudes. Suas formas de divulgações são quase sempre via redes sociais, facebook principalmente.

Foram feitas observações participantes nesses saraus, com fim de obter reflexões com inclinações etnográficas que possibilitem uma maior interação entre esse público em destaque e seu papel educativo em seus territórios.

## **DESENVOLVIMENTO**

O movimento de amadurecimento da sociedade ao longo da história, nos permite e nos provoca um amadurecimento reflexivo em seu cotidiano, diante do processo de avanço dessa sociedade, na qual se apresenta como produto direto da relação estabelecida entre trabalho e capitalismo em sua hegemonia, pelo qual manifesta seus objetivos no

direcionamento da massificação de um enraizamento histórico do antagonismo societário, sobretudo interligado com a exploração da força de trabalho<sup>5</sup>.

Desse modo, torna-se importante questionar como os processos sociais, evidenciados pelo desenvolvimento societário, incidem nas práticas educativas, sejam elas formais ou não formais, e como esses espaços educativos reagem a esse movimento histórico, pelos quais não deixam de ser isentos das consequências sociais e estruturais manifestadas por meio dessa hegemonia.

A educação, portanto, pode ser vista como meio de troca de saberes que não se limita ao espaço institucional, pelo contrário, estabelece manifestação em vários espaços e permite inclinar um olhar analítico para o saber popular.

O saber popular politizado, condensado em práticas políticas participativas, torna-se uma ameaça às classes dominantes à medida que ele reivindica espaços nos aparelhos estatais. (GOHN, 2012, p.57)

A educação, aqui entendida como instrumento de socialização de saberes e aprimoramento coletivo das realidades sociais por meio da ciência e da sabedoria popular, nos permite visualizar esse contingente social e fomentar debates amadurecidos sobre essa atuação e relação de dominação e submissão promovida pelo sistema capitalista. Desse modo, a educação também pode ser vista como um instrumento de legitimação ou questionamento dessa conjuntura, legitimação quando se permite naturalizar esse antagonismo social e questionamento quando usa seus saberes para reivindicar novos projetos societários onde a exploração não seja o horizonte central de sociabilidade.

Sendo assim, a educação não formal pode ser vislumbrada como uma ferramenta de compreensão estrutural da sociedade que se apresenta como antagônica e dialoga ou permite dialogar como um horizonte emancipador. Segundo Tonet (2014):

O que são atividades educativas de caráter emancipador? Entendo como todas aquelas que contribuem para que as pessoas tenham acesso ao que há de mais elevado no patrimônio cognitivo, artístico e tecnológico de que a humanidade dispõe hoje. (p. 18)

---

<sup>5</sup> Para Marx e Engels, em a Ideologia Alemã (2007), o trabalho se configura como pressuposto primordial no desenvolvimento de uma sociedade de classes, quando o mesmo é utilizado como instrumento de acumulação de capital e, conseqüentemente, acumulação de riquezas.

Romper com a estrutura imposta historicamente pelo sistema capitalista revela o compromisso que a educação, sobretudo, a educação que visa uma perspectiva emancipadora acata em seu emergir. Para Tonet, as atividades emancipadoras *são atividades que estão articuladas, de modo direto ou indireto, com a luta pela superação do capitalismo e construção de uma sociedade plenamente emancipada* (2014, p. 23).

Desse modo, a educação se apresenta ou pode se apresentar como instrumento de questionamento das imposições sociais que tendem a polarizar os sujeitos numa divisão individualista nas quais suas práticas, saberes, percepções e condições permeiam aspectos estruturais presentes na luta de classes. Assim, questiona-se como se dá essa educação emancipadora não formal entre as juventudes, tendo como direcionamento uma visibilidade de uma sociedade pauperizada, desigual, que provoca também jovens em situação de exclusão.

Para Pais (1990), a análise sobre juventudes requer atribuir um olhar para as manifestações culturais que inclinam percepções analíticas desses sujeitos.

Mais que fazer uma dedução dos <<modos de vida>> dos jovens a partir de um <<centro>> imaginário correntemente identificado com uma cultura dominante (de gerações ou de classes), parece ser preferível estarmos prioritariamente abertos a uma análise *ascendente* (passe a expressão) dos modos de vida dos jovens, partindo dos seus infinitesimais mecanismos, das estratégias e táticas quotidianas, tentando perceber como esses mecanismos são investidos, utilizados, transformados, quais são as suas possíveis involuções ou generalizações. (p. 164)

Assim, Segundo Pais (1990, pág. 158) *as culturas juvenis (culturas de classe) teriam sempre um significado <<político>>*. Desse modo, pensar a cidade como um campo de disputa e manifestação das lutas de classes, requer pensar como as juventudes das periferias se posicionam. É dentro desse cenário que toma fôlego de modo expressivo as poetisas e os poetas marginais que têm como palco de atuação as periferias da cidade.

A atual produção cultural de poetas e poetisas das periferias e favelas da cidade cria novas formas de sociabilidades e nos oferece pistas de contínuas interpretações que podem servir para compreender os afetos, os sentidos locais e as formas de resistências e re-existências nas práticas inventivas do cotidiano das periferias de Fortaleza. (SILVEIRA; FREITAS, 2018, pág. 133-134)

A poesia marginal emerge no seio das periferias de Fortaleza como forma de socialização da arte que se propõe a indignar-se diante da realidade desigual na qual as juventudes das periferias estão inseridas. As expressões da questão social afetam diretamente esse público que busca estratégias de superação e amadurecimento, daí a poesia é vista como instrumento de denúncia e, em muitos casos, forma de subsistência e de resistência.

Para Silveira e Freitas (2018):

Estes movimentos inventivos, sem fins lucrativos, objetivam ocupar os espaços, reivindicar direitos e fomentar espaços de cuidado. São formações com temas ligados aos Direitos Humanos e que visam, inclusive, o lazer feito pela própria juventude. (p. 135)

As expressões da questão social sofrem alterações cotidianamente com o avanço do capitalismo e inclina perceber mais expressivamente o antagonismo social (Pastorini, 2010). Desse modo, questiona-se: como a educação visualiza esse projeto societário? Quais estratégias são pensadas pelas práticas educativas no tocante o rompimento com esse *status quo*? Como a educação não formal, manifestada, sobretudo por projetos sociais e organizações que atuam na área socioeducativa podem contribuir para o desenvolvimento de uma educação formal que se articule com os problemas e demandas emanadas do território? A poesia marginal pode ser entendida como uma prática educativa emancipadora ao estabelecer uma relação crítica da realidade e intervir por meio de suas produções e eventos (saraus)?

Nesse sentido, ressalta-se que o projeto societário em andamento pressupõe uma sociedade que encontra no capital seu esforço centralizado sem perceber a desigualdade social como algo a ser analisado com sua devida importância. Pensar, desse modo, uma educação que se proponha a questionar essa realidade é estritamente necessária e a poesia marginal evidencia esse esforço através de suas produções.

A poesia marginal periférica envolve atores sociais que além de questionar a realidade opressora, discriminatória e desigual da sociedade capitalista, procuram reinventar suas próprias trajetórias individuais e também, de forma indireta ou direta, as dos sujeitos oriundos da periferia urbana da cidade. Ou seja, atuam com um discurso poético politizado que repercute na vivência de coletividades que, historicamente, são atingidas pela falta e precarização de serviços básicos, bem como de atividades culturais. (LIMA; BEZERRA; GOMES, 2018, p. 6)



A articulação entre as produções autônomas das juventudes na cidade, a poesia marginal, remetem uma percepção crítica sobre a necessidade de reflexão sobre a educação historicamente imposta como única, a formal, e possibilita visualizar a educação não formal como estratégia de amadurecimento coletivo e leitura de mundo de forma analítica enquanto subalternidade (Spivak, 2010) que busca garantir seu lugar de fala (Ribeiro, 2017).

Os poetas marginais de forma autônoma constroem poesias visando estabelecer trocas que vão além dos aspectos estéticos da arte, mas permitem a circulação de afetividades. Através de saraus ou outros espaços socializadores, expõem suas artes e concomitantemente provocam o debate político acerca das questões conjunturais. Como visto na entrevista, ser poeta marginal não se reduz ao aspecto individual relacionado à autopromoção no mundo da fama — vale ressaltar que em muitos casos ser poeta significa garantir a renda familiar. Pelo contrário, traduz uma nova dinâmica de coletividades juvenis reunidas em prol de uma luta diária contra a opressão, a segregação e a marginalização. (LIMA; BEZERRA; GOMES, 2018, p. 9)

Desse modo, torna-se imprescindível a discussão sobre a educação não formal atrelada as realidades juvenis periféricas, tendo como ponto de partida suas leituras de mundo através de suas produções coletivas e individuais. Os poetas e as poetizas marginais buscam incessantemente travar essa relação por meio das disputas de narrativas presentes na contemporaneidade.

O marco desta modalidade socializadora, seu cenário, é uma cotidianidade educativa, uma vida cotidiana não-alienada nutrida pela igualdade econômica e a liberdade política, que se traduz em diversas práticas de apoio mútuo e cooperação. (OLIVO, 2017, p. 17)

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A cidade dentro do seu cenário urbano apresenta relações permeadas pelas contradições inerentes ao processo de amadurecimento societário no qual se visualiza como horizonte hegemônico o sistema capitalista, tendo como reflexo a emersão da questão social como fruto.

A educação, por sua vez, se manifesta no seu cotidiano e tende a permear relações sociais dos sujeitos envolvidos. Assim, a mesma se manifesta de modo plural e dialoga com a conjuntura em destaque. Nesse sentido, torna-se necessário possibilitar uma análise sobre as práticas educativas, sobretudo, no tocante a educação não formal.

A poesia marginal, dentro dessa conjuntura, está presente no cenário urbano e tende a dialogar com a realidade dos sujeitos, tendo como foco as juventudes, na qual utilizam desse instrumento como leitura peculiar de suas realidades em conflito com um contexto de tensão provocado pelo antagonismo social. Cabe destacar que, as juventudes geralmente relacionadas com essa prática se configuram como oriundos e oriundas das periferias.

Assim, a análise da poesia marginal como instrumento educativo não formal, tende a perceber a cidade como um campo de disputa e conceber a necessidade de resistências. Nesta pesquisa, busca-se relacionar as práticas autônomas das juventudes periféricas como leitura de mundo peculiar de cada um/ uma diante de uma sociedade antagônica, tendo como interlocutores os poetas e as poetizas marginais em Fortaleza/ CE.

Assim, questiona-se como se manifesta a educação não formal dentro desse cenário, no qual a cidade se apresenta como lugar demarcação de classes e imposição social de desigualdade social.

Os poetas e as poetizas marginais manifestam sua atuação nos diversos territórios e ônibus fortalezenses diante de sua conjuntura social.

Assim, apresenta-se como questionamento norteador desta pesquisa a seguinte problemática: *como a atuação dos poetas e das poetizas marginais nas periferias de Fortaleza pode ser vista como prática educativa não formal dentro do cenário urbano?*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação não formal possibilita uma análise de sociedade contínua quando percebemos a mesma alinhada a construções coletivas que desenvolvem a potencialidade dos saberes que foram produzidos e fortalecidos diante de suas realidades sociais. A poesia marginal, atrelada a uma construção social de exclusão do público oriundo das periferias, tende a entender a conjuntura em destaque e produzir versos que, de certo modo, denunciem as expressões da questão social que aflige a camada populacional em situação de desigualdade e exclusão.



O termo marginal reforça as condições estruturais e objetivas dessa população e reforça a materialização das lutas de classes na contemporaneidade, bem como denuncia o local de onde se fala e como se fala enquanto pessoas das periferias. As juventudes apresentam papel fundamental nesse processo e abraçam essa prática como instrumento de resistência, fortalecimento de suas identidades, combate as diversas formas de opressão e também subsistência, ao passo que recitar poesias em ônibus, por exemplo, também culmina favorece suas condições objetivas.

Assim, a educação não formal manifestada pela presença dos poetas e das poetisas marginais se configura como instrumento de reivindicação social diante de uma sociedade diversa, mesmo não respeitando essa diversidade; como mecanismo educativo ao denunciar a periferia como espaço de não privilégios e como possibilidade de fomento a uma desnaturalização do que seria ser marginal, bem como a ressignificação do termo.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Caio. **A educação em Mészáros: trabalho, alienação e emancipação**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 59. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à prática educativa**/ Paulo Freire: Paz e Terra, 1996
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- LIMA, Evelane Mendonça; BEZERRA, Aglailton da Silva; GOMES, Luiz Felipe de Sousa. **A poesia marginal como instrumento cultural e educativo das periferias de Fortaleza – CE**. In: Encontro Nacional das Licenciaturas (ENALIC), 2018, Universidade Estadual do Ceará (Fortaleza);
- MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- OLIVO, Pedro Garcia. *A escola e seu outro: descolonizar o pensamento para pensar a educação*.
- PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – alguns contributos**. In: Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990.
- PASTORINI, Alejandra. **A categoria “questão social” em debate**. São Paulo: Cortez, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017.

(Coleção: Feminismos Plurais)

SILVA, Francisco Rômulo do Nascimento; FREITAS, Geovani Jacó de. **Práticas poéticas:** juventude, violência e insegurança em Fortaleza. In: *Tensões Mundiais*. V. 14. N. 26. Jan/ jun 2018

SPIVAK, Gayatri Chakravory. **Pode o subalterno falar?** tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TONET, Ivo. *Atividades educativas emancipadoras*. In: *Práxis Educativa, Ponta Grossa*, v. 9, n. 1, p 9-23.

TONET, Ivo. *Educação contra o capital*. 3. ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.